

O GESTO RASGADO: A ÁRVORE COMO METÁFORA DA MORTE

Níncia C. Ribas Borges Teixeira¹

Resumo: O artigo reflete sobre o luto em diálogo com a criação literária. Na obra, Quando as árvores morrem (2022), de Tatiana Lazzarotto, ocorre uma transmutação metafórica a partir do luto, por meio das experiências vividas que são transformadas em memórias sob forma poética, levando, dessa forma ao renascimento do sujeito, pois este passa a dar novos sentidos à experiência da perda. Ao ter contato com a dor se tece a obra criativa. Na pesquisa, o luto é representado por meio da arte, a análise recai sobre a utilização da expressão ÁRVORE para fazer referência tanto à vida quanto à morte.

PALAVRAS-CHAVE: Luto. Árvore. Metáfora

THE RIPPED GESTURE: THE TREE AS A METAPHOR OF DEATH

Abstract: The article reflects on mourning in dialogue with literary creation. In the work, When trees die (2022) by Tatiana Lazzarotto, a metaphorical transmutation takes place from mourning, through lived experiences that are transformed into memories in poetic form, thus leading to the rebirth of the subject, as he begins to give new meanings to the experience of loss, to having contact with pain, the creative work is woven. In the research, mourning is represented through art, the analysis rests on the use of the expression TREE to refer to both life and death.

Keywords: Mourning. Tree. Metaphor

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, docente do departamento de Letras (DELET/G) e do programa de Pós-graduação em Letras, da UNICENTRO. E-mail:

Como o amor, o luto fere o mundo, o mundano, de irrealidade, de oportunidade. Resisto ao mundo, sofro com o que ele me reclama, com a sua reclamação. O mundo aumenta a minha tristeza, a minha secura, a minha confusão, a minha irritação, etc. o mundo deprime-me. (Roland Barthes, 2009, p. 135).

A perda pela morte apresenta-se como uma experiência de difícil elaboração. O luto, como um processo relacionado à perda, manifesta-se de diferentes formas na vida do sujeito. Na obra *Luto e Melancolia* ([1917] 2019), Freud apresenta a noção de luto como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD apud SOUZA; PONTES, 2016, p. 69). De acordo com Ornstein (apud CRUZ, 2016), os estudos sobre a questão do luto avançaram desde o texto de Freud, mudando o foco anterior de desligamento e aumentando a ênfase na internalização do objeto perdido, a qual, hoje, é compreendida como essencial no processo de luto.

2 Frase do livro analisado (página 16).

Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 69) afirma que “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”, identificando-o como uma representação, ou seja, como um retorno contínuo de algo que não pode ser resolvido por uma simples operação substitutiva. Assim, o “trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). Para Coimbra (2020), o luto pode se comparar ao trauma uma vez que não se deixa categorizar por nenhuma metáfora que o espaço da narrativa possa oferecer, quando a literatura entra em cena não é como solução, mas como uma prestação de serviço, pois está no limiar da linguagem, e o que ela cria não é verdadeiro nem falso:

[...] o texto literário realiza um enterro simbólico dos mortos que tiveram o luto negado, isto é, ele constrói uma lápide àqueles cuja morte anônima e violenta não puderam ser simbolizadas. Fala-se, dessa forma, de uma literatura enlutada que busca realizar o trabalho do luto, mesmo sabendo de sua irreducibilidade em uma narrativa que substitua o objeto perdido. (COIMBRA, 2020, p. 64).

Para Vieira e Cintra (2016), o luto envolve um processo de criação e como todo processo criativo traz mecanismos de transformação metafórica desencadeados pelo trabalho do luto. A autoras consideram que

[...] o luto bem-sucedido resulta de um processo de transformação do vivido, pelo qual a imediaticidade e a intensidade das experiências vividas são metaforizadas, isto é, transformadas em memórias, em formas poéticas, plásticas, musicais ou obras científicas, que podem levar ao surgimento de um novo sujeito psíquico, na medida em que passa a dar novos sentidos à experiência da perda. (VIEIRA; CINTRA, 2016, p. 51).

Melanie Klein ([1935] 1996) assevera que por meio de inúmeras posições depres-

sivas, pode se dar a metaforização da experiência vivida e da perda: a posição depressiva é, ao mesmo tempo, o contato com a dor sentida e um memorial, que se constrói por meio de uma obra criativa. Segal alega que:

O ato de criação no fundo tem a ver com uma memória inconsciente de um mundo interno harmonioso e com a experiência de sua destruição – isto é, com a posição depressiva. O impulso é o de recuperar e recriar esse mundo perdido. Os meios para alcançar isso têm relação com o equilíbrio entre elementos “feios” e elementos “belos”, de modo que possam evocar no receptor uma identificação com esse processo. (SEGAL, 1993, p. 103).

Escrever é uma forma de enfrentamento perante à morte, diante do vazio que surge pela ausência do ente querido. No Diário de luto, Barthes (2009, p. 98) registra que “o sentimento do luto se volta para a interioridade e para o silêncio ou, ao contrário, para as trivialidades externas: trata-se, no primeiro caso, de uma atitude mais nobre e solitária, enquanto o segundo só desencadeia mais vazio ainda”. Dessa forma, o luto cria ficções e encena acontecimentos vividos, assim como acontece no romance Quando as árvores morrem.

Na obra, Quando as árvores morrem, a narrativa é desencadeada por uma notícia de morte e as memórias que atravessam um coração enlutado. O livro venceu o edital ProAC de obras de ficção, promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Na história, narrada em primeira pessoa, a protagonista perde o pai e retorna a Província – cidade fictícia –, para atender aos desejos deixados por ele: recuperar a casa da família e garantir que a velha árvore do quintal, já condenada, não seja derrubada. A narrativa é uma experiência ficcional a partir de uma vivência de luto da escritora. Assim como a personagem, Tatiana Lazzarotto perdeu o pai, falecido em

2018, que durante sua trajetória quebrou recordes nacionais como Papai Noel.

A autora afirma que sua narrativa é baseada na realidade, mas a sustenta como ficção:

A história do romance recupera algumas de minhas próprias vivências pessoais. Assim como a personagem que narra este desenrolar de uma notícia de morte, perdi meu pai (em 2018), também de forma repentina. Enfrentei o luto de um pai que era um artista e que ganhava a vida como Papai Noel. Meu pai conquistou recordes em seu trabalho, foi alguém que, em certa medida, atraiu a atenção da mídia e foi uma figura marcante e irreverente. Durante sua trajetória como Papai Noel, respondeu mais de um milhão e meio de cartinhas enviadas até nossa casa, por meio de um CEP especial dos Correios, bateu o recorde de mais eventos realizados em um único dia, palestrou em cinco conferências TEDx no Brasil. Alguns detalhes do livro foram baseados em fatos reais – embora, reforço, seja uma obra de ficção. As memórias que emprestei para a minha história foram transformadas em matéria literária. Essa ficcionalização a partir do real, que alguns chamam de autoficção, permeou toda a construção do livro³.

As palavras-chave do livro, nas palavras de Lazzarotto, resumem-se em: luto, pertencimento e memória, trata-se, pois, de uma obra de ficção, com muitas memórias: emprestadas, ressignificadas e, sobretudo, ficcionalizadas. Quando as árvores morrem é uma obra de ficção – não há nenhum compromisso de registro biográfico ou histórico. O pai da história é um personagem ficcional – embora seja inspirado e criado à memória do próprio pai de Tatiana – por isso, é um homem com suas próprias nuances, memórias e escolhas.

3 Disponível em: (Disponível em: <https://screamyell.com.br/site/2022/05/15/entrevista-tatiana-lazzarotto-fala-sobre-o-livro-quando-as-arvores-morrem-uma-das-vencedoras-do-edital-proac-de-obras-de-ficcao/>)

Segal (1993, p. 96) assevera que a “necessidade do artista é recriar o que sente nas profundezas de seu mundo interno”; sendo assim, a escrita de Tatiana cria um mundo que tem o poder de transportar para dentro daquilo que há de mais singular e individual em nós e, ao mesmo tempo, o que há de mais universal: o território da morte. Para o mesmo autor, para que exista a necessidade de recriar, é preciso que os objetos tenham se tornado passado; esse distanciamento seria um fator determinante para que o sujeito se sinta impelido a criar.

Metáforas de vida e de morte: a árvore

Tatiana Lazzarotto é escritora e jornalista. Nasceu em São Lourenço do Oeste (SC), em 1985, e é radicada em São Paulo desde 2011. Integra o Clube da Escrita para Mulheres. Escreveu nas revistas literárias Gueto, Ruído Manifesto e Desvario. Formada em Jornalismo e em Letras-Português pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-PR), atualmente é mestranda em estudos culturais pela Universidade de São Paulo (USP), onde estuda coletivos de mulheres escritoras. É uma das organizadoras do livro *Cartas de uma pandemia: Testemunhos de um ano de quarentena*.

O livro, *Quando as árvores morrem*, retrata perdas, luto e o recomeço. É narrado em primeira pessoa, apresenta a história de uma mulher que perde o pai e volta para cidade de Província - cidade fictícia- para o velório. Na narrativa, a protagonista retorna para atender desejos deixados por ele: recuperar a casa da família e garantir que a velha árvore do quintal, já condenada, não seja derrubada. O ponto de partida são as memórias, desencadeadas pela casa vazia, pela sensação de abandono e pela grande árvore no quintal da casa.

Para Tatiana, a história do romance recupera vivências pessoais. Assim como a

personagem que narra este desenrolar de uma notícia de morte, ela perdeu o pai em 2018, também de forma repentina. Segundo ela, houve o enfrentamento de um luto de um pai que era um artista e que ganhava a vida como Papai Noel. As memórias que emprestei para a minha história foram transformadas em matéria literária. Essa ficcionalização a partir do real, que alguns chamam de autoficção, permeou toda a construção do livro. Para a autora:

De qualquer forma, concordo com o Waly Salomão quando ele diz que a memória é uma ilha de edição. Quando nos propomos a recuperar um fato do nosso passado, ele já é outra coisa. Não dá para desconsiderar também todo o trabalho de criação literária. O escritor é um artesão, muitas vezes é impossível separar a realidade crua da ficção, assim como é difícil enxergar o bloco de mármore que existia antes da escultura⁴.

A escolha da árvore não é por acaso. Ela tem a função de representar a morte e o luto, que invade a casa e a vida das pessoas que nela vivem, de acordo com Lazzarotto:

As árvores sempre me fascinaram, desde muito criança. Confesso que herdei esse fascínio do meu próprio pai, que passou a se interessar quando nos mudamos para uma casa que tinha uma grande árvore no quintal. Dividimos, durante a vida dele, alguns insights e curiosidades sobre a dinâmica das florestas. [...] Quando pensei em escrever um livro sobre a morte, na hora me veio à cabeça essa frase e quis relacionar mais dessas curiosidades no livro. Por isso, escolhi uma árvore como uma das personagens e decidi traçar paralelos no livro: árvores e humanos têm dinâmicas parecidas? Árvores têm uma inteligência própria, como a que temos? Elas funcionam em rede,

4 Disponível em: <https://screamyell.com.br/site/2022/05/15/entrevista-tatiana-lazzarotto-fala-sobre-o-livro-quando-as-arvores-morrem-uma-das-vencedoras-do-edital-proac-de-obras-de-ficcao>

em comunidade, como uma família? A partir daí, fui coletando informações e costurei-as ao enredo do luto, transformando em reflexões da própria personagem⁵.

Proust (apud VIEIRA; CINTRA, 2016, p. 61) assevera que o único modo pelo qual se pode fazer um luto:

é encontrando uma forma de expressão simbólica. A criação do mundo interno é também a recriação inconsciente de um mundo perdido. Mas que mundo perdido seria esse de que nos fala Proust? Um mundo de objetos tingidos com as cores das nossas projeções idealizadoras e que se perderam no tempo das nossas memórias mais arcaicas e de ideais que alimentavam um sentimento de completude e onipotência.

A metáfora da árvore, é utilizada na organização da obra que se divide em “Raiz”, “Tronco”, “Galhos” e “Broto”. A autora utiliza a metáfora da árvore para indicar o desenvolvimento humano ao processo de crescimento desta. Essas expressões transformam vivências de um mundo subjetivo em formas de metáforas do mundo externo, ou seja, retomam o ciclo vital dos seres vivos.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1998), árvore é o símbolo da vida em completa evolução e ascensão para o céu, também se liga ao significado da evolução morte e regeneração “A passagem do é para o foi aconteceu de súbito na nossa família, uma folha verde e saudável que se desprendeu da árvore sem ação do vento, enquanto outras sãs permaneceram” (LAZZAROTTO, 2022, p.16).

O ser humano, como a árvore, possui raízes que o fixam às profundezas da terra e, como espírito e luz, alteia-se no ilimita-

do espaço azul infinito. Vive entre a terra e o céu, entre o sensível e o inteligível. Nesse contexto do luto, a árvore torna-se a metáfora da vida e da morte. Para os celtas, o Todenbaum (árvore de morto) está ligado ao homem desde o nascimento até a sua última viagem.

Para Alves (2012, p. 127):

Se a árvore perde a raiz, ela morre e é preciso plantar outra. A morte de uma pessoa querida desestabiliza, quem perde se sente destruído e sem condições de continuar a vida (como uma árvore arrancada com a raiz). Impossível continuar do mesmo modo, há que se reconstruir, reformar, mudar e transformar o modo de vida. É um período de aprendizado. É preciso aprender a viver sem a pessoa que morreu, mas até lá há um tempo em que o hábito prevalece, e aqueles que iniciam o processo de luto ainda continuam a viver em um mundo conhecido que não existe mais.

Na primeira parte da obra, intitulada “Raiz”, a memória da infância da narradora é retomada por meio de flashbacks que ocorrem durante o velório do pai e inúmeras reflexões são levantadas a partir desse evento traumático: “Parte de nossas raízes foi puxada com força, o que nos obriga a sobreviver abambalhados com o restante. Perde um pai é morrer planta, sem um pedaço debaixo da terra” (LAZZAROTTO, 2022, p. 20). Ferreira (2013), alerta que a raiz vive no subterrâneo e da profundidade ela tonifica a árvore, as imagens poéticas de uma raiz referem-se aos dois mundos: o das sombras e o da luz. Assim, a imagem do pai-árvore é retomada pelas lembranças da filha enlutada, o mundo das sombras recebe feixes de luz pelo viés da memória:

A passagem do é para o foi aconteceu de súbito na nossa família, uma folha verde e saudável que se desprendeu da árvore sem ação do vento, enquanto outras sãs permaneceram. Meu pai é um bom homem, sei que é,

5 Disponível em: <https://screamyell.com.br/site/2022/05/15/entrevista-tatiana-lazzarotto-fala-sobre-o-livro-quando-as-arvores-morrem-uma-das-vencedoras-do-edital-proac-de-obras-de-ficcao>

mas de repente ouço vozes dizendo que ele foi. Arrancam meu pai da memória matam-no novamente pela linguagem e depositam-no em um lugar onde nós, sua família, não podemos acessá-lo [...] Perder um pai é morrer planta, sem um pedaço debaixo da terra. Não falta luz do sol, água, adubo. Falta pai. (LAZZAROTTO, 2022, p. 16-17).

A personagem demonstra que as suas raízes, que simbolizam uma rede de apoio para o lar-base, foram arrancadas com a morte repentina do pai-árvore. Seu sustento emocional, o alicerce que valida a autoconfiança foi extirpado, a dor que sobrevém mistura-se a um carrossel de memórias. A escolha da metáfora árvore tem a função de representar a morte e o luto, que também é gigante, estrangulador, invade a casa e a vida das pessoas que nela vivem, danifica a rotina, planos, sonhos e a sensação de felicidade e bem-estar:

A potência da morte agora mancha as toalhas estendidas à nossa frente, aquelas que minha mãe meticulosamente deixa de molho. Meu irmão mais velho se atreve a ocupar a cadeira da ponta. Ninguém quer que as memórias se sentem com a gente, mas elas já derrubam a panela no nosso colo e nos entregam os guardanapos. Uma família sem pai é um pano de prato encardido que se esconde das visitas. Toda cidade feliz, segura, enquanto nós, núcleo da tragédia, estamos destelhados, envergonhados pelo pai que nos falta. (LAZZAROTTO, 2022, p. 41).

A protagonista compartilha seus sentimentos sobre o processo do luto com começo, meio e fim, algo absolutamente necessário para que ela possa se restabelecer. Ao nomear a primeira parte como raiz, ela retoma o laço essencial de afeto entre o pai-árvore e seus frutos. Durante toda a narrativa, a personagem demonstra uma necessidade de verbalização do luto, é necessário contar que a pessoa morreu e, principalmente,

que nunca mais poderá vê-la ou falar com ela, mas que ainda é possível se despedir. O processo de luto implica reconhecer e aceitar a realidade e experimentar e lidar com as emoções resultantes da perda:

Meu impulso é gritar. Levantar-me trôpega, ainda aos berros, e chutar a caixa, rasgar todas as cartas em pedaços minúsculos, numa explosão. Tão rápido, para que ninguém me domine. [...] Papai Noel não existe. Tenho ânsia de provar a elas. Assim como a mim mesma. Meu pai morreu (LAZZAROTTO, 2022, p. 19).

No transcorrer da narrativa, na parte “Tronco”, abre-se um caminho para a reflexão e a superação da ausência, ao construir repertórios com as memórias e acolhendo as emoções que surgem da falta, a personagem descreve emoções como a tristeza, o vazio, ou raiva vivenciada nesse processo, mas ao mesmo tempo encontra um lugar de descobertas e consolo.

Nos capítulos que compõem essa parte da obra, compreende-se o luto como um processo de elaboração, Freud considera que, com o tempo, este seria naturalmente superado, pois como afirma: “[...] jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele [...] confiamos que o luto será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial” (FREUD, [1917] 2019, p. 129). A necessidade do tronco para se atingir a copa da árvore, remete ao caminho que deve ser feito para se atingir os níveis superiores da existência, tornando-se, assim, um símbolo da dinâmica universal e o próprio veículo de elaboração da perda:

Em suas mãos éramos todos encantados. Capazes de noites e de manhãs de estrada para voltar às suas bençãos comovidas. Ao desembarcarmos, ele nos entregava biscoitos que

acreditava ser os nosso preferidos. Eu era capaz de engolir essa mentira, já engoli tantas [...] Os biscoitos eram a forma de ele dizer: você chegou, pronto, já estamos todos. Eu podia voltar a ser filha e juntos éramos essa entidade que dá arrimo, o andaime de meu pai. (LAZZAROTTO, 2022, p. 87).

Na terceira parte da obra, intitulada “Galhos”, ocorre o correspondente à fase de depressão proposta por Elisabeth Kübler-Ross (1985), psiquiatra suíço-americana que se dedicou a estudar os fatores por trás do enfrentamento da morte. Na narrativa, a protagonista se vê diante de uma enorme sensação de vazio, pois há a percepção da ausência, a pessoa amada não está presente. Nesse momento do luto, aparece uma tristeza imensa que não pode ser abrandada, mas por outro lado é necessária a aceitação do fato, ou seja, o enfrentamento da realidade. É uma etapa marcada por isolamento, estafa e a incapacidade de cogitar sair desse estado de angústia.

Uma pessoa em luto está fora de sincronia não acompanha a cadência do mundo. [...] Minha dor é de espamos. [...] Perder um pai é se situar em um lugar onde o pior aconteceu. Não sinto mais medo, apenas descompasso. Adormece o que pedaço que falta. (LAZZAROTTO, 2022, p. 121-122).

A metáfora do galho liga-se à árvore cósmica e, segundo Julia Costa (2008), representa o caráter cíclico da evolução cósmica: vida, morte e regeneração. Segundo Eliade (1996), a imagem da árvore cósmica se faz presente em vários mitos para simbolizar o cosmos e sua sequência de nascimentos e mortes, além de exprimir as ideias de vida, juventude, imortalidade e sapiência. Ela cresce em posição vertical, perde as suas folhas e se regenera por incontáveis vezes, morrendo e renascendo de modo cíclico, de modo que também é um símbolo de fertilidade.

A árvore cósmica ou árvore do mundo se confunde com a ideia da árvore da vida e pode assumir diversas funções, conforme o complexo mítico em que esteja inserida. A árvore abrange três níveis do cosmo, as raízes atingem o universo subterrâneo e as profundezas, o tronco está na superfície da terra, e os galhos e as folhas alcançam o ponto mais alto, atraídos pela luz do céu. (COSTA, 2008, p. 20).

Os galhos, segundo a metáfora da árvore cósmica, expressam um conteúdo de poder, que apresentariam qualidades mágicas e entre outras coisas, a capacidade de fazer esquecer as tristezas. Nessa dicotomia morte e regeneração, são construídos os capítulos da parte “Galhos”.

O tronco de uma árvore é capaz de registrar a luz mesmo sem olhos; suas folhas captam claridade ou escuridão. [...] O luto é uma ferida não linear. Demora até se costurar por completo e, ainda assim, o tecido pode arrebentar, cordas novas do varal que sucumbem à ultrapassagem do limite de peso. Remendar os outros é a chance de curar as próprias dores. Por isso, as pessoas desejam me instruir a ser órfã, querem me ensinar a perder o pai. (LAZZAROTTO, 2022, p.126).

No Epílogo, a metáfora do broto remete aos que permanecem após a perda, estes que se tornam firmes graças às fortes raízes plantadas pela família, mesmo com a raiz arrancada, surgem os brotos e, de certa forma, a árvore volta a crescer. Na narrativa, a protagonista dá sequência ao seu trabalho nessa terra, depois virão mais descendentes-sementes, todos da mesma “raiz” e produzindo a mesma espécie de fruto.

Ligo o carro com a chave e parto da Província às 7h55. Na estrada, um outdoor com a foto do Papai Noel começa a se rasgar pelas beiradas. Dois dias depois da morte. NA primeira curva depois do trevo, abandono minha escama. [...] Jamais deixarei de ser filha. Nunca

mais retornarei a Província. (LAZZAROTTO, 2022, p.153).

Segundo Alves (2012), se a árvore perde a raiz, ela morre e é preciso plantar outra. A morte de uma pessoa querida desestabiliza, quem perde se sente destruído e sem condições de continuar a vida, como uma árvore arrancada com a raiz. De fato, é possível que as folhas caiam, os galhos balancem e que se chore em cima das raízes – mas também é possível que, com esse mesmo processo, surjam brotos e flores. Ao florescer, é possível perceber que ainda há beleza, mesmo na ausência, e é impossível continuar do mesmo modo, há que se reconstruir e transformar o modo de vida. É um período de aprendizado. É preciso aprender a viver sem a pessoa que morreu. O processo de luto começa a perder a força quando se consegue fazer planos para a vida sem a pessoa que morreu “No bolso da mochila, sementes não plantadas do meu pai” (LAZZAROTTO, 2022, p. 153).

As árvores no infinito⁶...

No livro Quando as árvores morrem, a narradora carrega o olhar poético sobre a perda do pai, de forma segura e consciente ao transmitir suas ideias sobre a morte. A linguagem é tecida por meio da sutileza das palavras e suas possibilidades por meio de metáforas ligadas ao signo árvore. No transcorrer da narrativa, a protagonista é amadurecida pelo sofrimento e encontra sua salvação pela escrita.

O livro é um conjunto de anotações fragmentadas, ordenadas em uma sequência: raiz, tronco, galhos e broto, que apresenta inscrições simbólicas acerca da perda de um ente estimado que, segundo Freud ([1917] 2019), é seguida de um reordenamento dos modos de ser e estar no mundo.

6 Frase do livro analisado (página 147)

O luto na obra de Lazzarotto, é representado com o retorno à vida cotidiana anterior, mas com a perda do pai incorporada à vida da protagonista, a partir de uma nova conexão metafórica com o pai que foi ceifado pela morte.

Referências

- ALVES, Elaine Gomes dos Reis. A Árvore: a difícil elaboração do processo de luto. O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012; 36(1):127-132. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/arvore_dificil_elaboracao_processo_luto.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.
- BARTHES, Roland. Diário de luto. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- COIMBRA, Rosicley Andrade. O trabalho do luto e a rasura da história em mar azul, de Paloma Vidal. Miscelânea, Assis, v. 28, p. 61-84, jul.-dez. 2020. ISSN 1984-289964. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1673/1570>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- COSTA, Júlia Câmara da Costa. A “árvore cósmica” num apocalipse persa: um elo possível entre a cosmogonia indiana e a estátua de Daniel? Oracula, v. 4, n. 7, 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/oracula/article/view/5873> Acesso em: 20 abr. 2023.
- CRUZ, Lua Gill da. A morte que não cessa: o luto e a literatura pós-ditatorial. 2016. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491572155.pdf Acesso em: 4 mai. 2023.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano – a Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos. Londrina: Eduel, 2013.
- FREUD, Sigmund. (1917). Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2019.
- KLEIN, Melaine. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos. In: KLEIN, Melaine. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KÜBLER-ROSS ELISABET. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1985.
- LAZZAROTO, Tatiana. Quando as árvores morrem. São Paulo: Claraboia, 2022.
- LAZZAROTO, Tatiana. Entrevista: Tatiana Lazzarotto fala sobre seu livro "Quando as árvores morrem", um dos vencedores do edital ProAC. Disponível em Tatiana Lazzarotto fala sobre seu livro "Quando as árvores morrem", um dos vencedores do edital Proac. Disponível em: <https://screamyell.com.br/site/2022/05/15/entrevista-tatiana-lazzarotto-fala-sobre-o-livro-quando-as-arvores-morrem-uma-das-vencedoras-do-edital-proac-de-obras-de-ficcao/> Acesso em: 20 mai. 2023.
- SEGAL, Hanna. Arte e posição depressiva. In: SEGAL, Hanna. Sonho, fantasia e arte. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista de Psicologia Clínica, 20(1), 65-82. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Z-v7FgDXS/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 mai. 2023.
- SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. Analytica. São João del-Rei. v. 5, n. 9, p. 69-85, julho/dezembro de 2016.
- VIEIRA, Marcus Rodrigues Jacobina; CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. O trabalho criativo: perda, luto e metáfora. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n1/v9n1a05.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

[Submissão: maio de 2023.](#)

[Aceite: agosto de 2023.](#)